

## ARENA CORINTHIANS: O TIME DO POVO E O POVÃO DO TIME

Vitor Hugo Haidar da Silva<sup>1</sup>

Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp

**Resumo:** Este artigo analisa um conflito entre torcedores organizados nos Gaviões da Fiel Torcida e a direção do S. C. Corinthians Paulista. O conflito decorre da construção de seu novo estádio de futebol, a Arena Corinthians (atual Neoquímica Arena), e os efeitos que produz no comportamento de seus torcedores. Este processo será visto a partir do ponto de vista da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA-LOPES, 2006), considerando sobretudo a maneira como as identificações sociais do corintianismo (Toledo, 2013) estão em disputa, à medida que os torcedores de futebol questionam o próprio sentido do termo, constantemente enunciado no discurso oficial do clube. Para compreender este processo, a linguagem será entendida como discurso (PECHÊUX, 2008) e como performatividade (LOPES, 2010). Por vezes, apesar de se utilizarem ou reconhecerem a importância do simbólico nas análises sociais e históricas, as ciências humanas colocam em segundo plano sua materialidade, bem como não reconhecem explicitamente que é nela que os fatos sociais se objetificam. Em suma, a linguagem é entendida como arena em que os sentidos são disputados por atores sociais, que nem sempre controlam o sentido do que dizem. Analisando o contexto de enunciação e recorrendo a historicidade que os enunciados ensejam, pretende-se reconstruir a partir de uma enunciação a disputa discursiva que se dá ao redor do signo povo. Em grande medida, espera-se reforçar a necessidade de se desnaturalizar a linguagem, como forma de ampliar a capacidade de compreensão de fenômenos sociais e políticos.

**Palavras-Chaves:** torcedores organizados; futebol; linguagem e sociedade.

**Abstract:** This article analyzes a conflict between fans organized in Gaviões da Fiel Torcida and the direction of S. C. Corinthians Paulista. The conflict stems from the construction of its new football stadium, Arena Corinthians (now Neoquímica Arena), and the effects it has on the behavior of its fans. This process will be seen from the point of view of Indisciplinary Applied Linguistics (MOITA-LOPES, 2006), considering above all the way in which the social identifications of Corinthians (TOLEDO, 2013) are in dispute, as soccer fans question the meaning of the term, constantly enunciated in the club's official discourse. To understand this process, language will be understood as discourse (PECHÊUX, 2008) and as performativity (LOPES, 2010). Sometimes, despite using or recognizing the importance of the symbolic in social and historical analyses, the human sciences put it in second place their materiality, as well as they do not explicitly recognize that it is in it that social facts are objectified. Language is understood as an arena in which meanings are disputed by social actors, who do not always control the meaning of what they say. Analyzing the context of enunciation and resorting to the historicity that the enunciations entail, it is intended to reconstruct, from an enunciation, the discursive dispute that takes place around the sign of the people. To a large extent, it is expected to reinforce the need to denaturalize language, as a way to expand the ability to understand social and political phenomena.

**Keywords:** organized fans; soccer; language and society.

---

<sup>1</sup> E-mail: vitorhaidar@gmail.com

## Introdução

Este artigo pretende reconstituir o contexto de um confronto discursivo dentro do universo do futebol de espetáculo. Este evento envolve a relação dos torcedores organizados do S.C. Corinthians Paulista ao novo estádio construído em Itaquera, atualmente chamada de Neoquímica Arena, mas também conhecida como Arena Corinthians, Itaquerão, Fielzão ou simplesmente, Arena. Estádio construído para a Copa do Mundo de 2014, envolto em polêmicas públicas desde sua apresentação no centenário do clube 2010<sup>2</sup>, a Arena Corinthians pode ser vista como um aparelho moderno inserido no centro de uma das regiões mais pobres da cidade de São Paulo. Sua construção ocorre dentro de um contexto mais amplo de modernização do futebol, que os torcedores organizados têm denominado como “futebol moderno” e a crítica sintetiza na equação “futebol de espetáculo” (DAMO, 2014).

O conflito geral se dá porque em defesa de um modelo de estádio de futebol, que privilegia o conforto e a segurança dos torcedores, se exclui de seus espaços as camadas populares. Além disso, as novas formas arquitetônicas limitam ou constroem as formas organizadas de torcer, diminuindo o seu contingente e limitando suas performances. Especificamente, este processo não ocorre sem resistência, o que acaba produzindo, no caso corintiano, o conflito entre a imagem de “time do povo”, propagandeada oficialmente pelo clube e a maneira como ele é assimilado ou compreendido por seus torcedores mais assíduos, organizados nos Gaviões da Fiel Torcida, fundados em 1969,

Nos últimos dez anos, uma série de autores das ciências humanas e sociais, dedicados a estudar o futebol a partir da perspectiva dos torcedores, analisam a maneira como têm ocorrido de maneira descontínua e constante um processo de atualização do futebol brasileiro, em que interesses globais e locais se entrecruzam. Em certa medida, estes autores, por diferentes perspectivas (HOLANDA, 2014; TOLEDO, 2014; CAMPOS, 2014) observam a transformação

---

<sup>2</sup>[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140518\\_itaquerao\\_polemicas\\_ms](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140518_itaquerao_polemicas_ms)

do jogo futebol em bem de mercado, vendendo não apenas o jogo como imagem, mas toda a simbologia que o envolve. Para os torcedores de futebol, o efeito deste processo se converte em reduzi-los ao papel de consumidores de bens futebolísticos (TOLEDO, 2014), minimizando o papel da dimensão cultural e das tradições inventadas ao longo da história do torcer no Brasil.

É preciso considerar, ao menos em linhas gerais, os efeitos sofridos pelos espectadores de futebol, bem como, a maneira como reagem a eles. De certo modo, pretende-se tomar o caso corintiano como um caso exemplar, explicitando tal processo de exclusão que tem ocorrido em um espaço considerado até então subalterno: as arquibancadas do futebol<sup>3</sup>.

Este texto pressupõe os debates da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA-LOPES, 2006). Para este campo de estudos, a linguagem é vista como uma forma de ação social inscrita numa ordem/contexto. O campo da LA procura “*criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central (idem, pp. 14)*”, considerando sua relação à vida cultural, política e histórica efetivamente experienciada pelos atores linguísticos. Para este campo, importa produzir conhecimento e novas formas de se observar o mesmo fenômeno, não para revelar o que se esconde (o que não significa que não haja pontos cegos por serem revelados), mas sim para apresentar as disputas assimétricas de poder em que se dá a experiência social mediada pela linguagem.

Este campo de pesquisa compreende uma perspectiva, mais que um método fechado, nele, a linguagem é vista não apenas como algo que está formalmente no lugar do referente, mas como um processo complexo de trocas, que em certa medida, não apenas representa a realidade, mas a constitui. Grosso modo, o argumento que aqui nos interessa é o de que os sentidos não são intrínsecos ao significante, mas que se constroem na relação própria da produção de enunciados, sejam eles verbais ou não-verbais. Neste sentido, os

---

<sup>3</sup>O fenômeno da “modernização do futebol” ou atualização do futebol tem sido alvo de estudos por diferentes perspectivas. O fenômeno parece ser global, encontrando paralelo em outros países, embora em cada caso contenha suas especificidades. O caso brasileiro tem sido estudado principalmente por acadêmicos das Ciências Humanas e Sociais. Entre estes destacam-se Holanda (2014), Toledo (2013; 2014), Damo (2014); Campos (2014), Lopes (2017) entre outros que em geral, pensam o futebol a partir da perspectiva dos torcedores.

sentidos, estão sempre em disputa, imersos em uma trama intertextual e interdiscursiva, para além do controle consciente dos sujeitos (o que é diferente de dizer que eles não têm controle algum).

A hipótese geral é de que como a linguagem tem um papel agentivo na construção das realidades sociais, nela se materializará (ou condensará) uma série de conflitos que estão se dando na sociedade. Nesta perspectiva, para retomar Voloshinov, a linguagem (ou o signo) é uma arena em que se disputam os sentidos, estabilizando-os ou os subvertendo. A linguagem é um território movediço e em disputa. Nela, as tensões se resolvem ou se amplificam, por vezes, apresentando-se como acontecimentos discursivos (PECHÊUX, 2008) ou como enunciados performativos (MOITA-LOPES, *idem*).

A hipótese específica é de que no caso corintiano, o confronto entre torcedores e o discurso oficial do clube se estabelece centralmente nas disputas sobre o slogan (MAINGUENAU, 2004) “time do povo” utilizado no discurso oficial do clube e a maneira como ele é interpretado pelos torcedores organizados em questão. Para os torcedores, a propaganda oficial esconde um efetivo processo de exclusão social, justamente daqueles que o clube evoca em suas mensagens. A palavra povo assim deve ser vista como um signo aberto às interpretações, cujos sentidos dependem das posições que ocupam os enunciadorees.

Para construir este quadro, o presente texto se organizará em seis partes. Na primeira delas, procuro reconstruir, a partir de observações de campo, as tensões iniciais deste conflito apresentando alguns enunciados que se contrapõem. Na segunda seção procuro resumir os pressupostos teóricos pelos quais se pode observar os dados aqui selecionados. Na terceira seção, apresento em termos gerais, os contextos globais e locais e a maneira como se presentificam na construção da Arena Corinthians. A partir dos dados coletados nos tempos de pesquisa, delinheiro na quarta seção a percepção dos torcedores organizados sobre os sentidos do termo povo. Na quinta e na última seção, apresento a análise de alguns enunciados que permitem fortalecer os

argumentos do texto e abrir caminhos para apontamentos específicos e gerais sobre o caso corintiano.

### **Bem-vindos à Casa do Povo: tensões nas arquibancadas da Arena Corinthians**

Entre os anos de 2016 e 2017, frequentei a Arena Corinthians em cerca de trinta partidas oficiais do S.C. Corinthians Paulista. Na época, realizava incursões a campo para coletar material a ser futuramente desdobrado no texto de minha dissertação de mestrado<sup>4</sup>. Frequentando os jogos, nos diversos setores da Arena Corinthians, verifiquei uma série de situações em que os torcedores manifestavam certos incômodos com aquela nova vivência que se lhes impunha. Difundido pelos setores do estádio, presenciei constantemente ações discursivas e corpóreas individuais e coletivas que ensejavam um conflito entre as formas de torcer no antigo estádio do Pacaembu e nas cadeiras das arenas. Por vezes, ocorreram intervenções por parte dos setores em que se instalam as torcidas organizadas, questionando tais mudanças.

Resumidamente, fossem ou não organizados, estes torcedores incomodavam-se com aspectos que passavam pelo espaço físico moderno da Arena: com o comportamento de certos torcedores, que viam como menos engajados; com o preço dos produtos comercializados; com a postura dos seguranças, enfim, com as mudanças que sentiam em relação a outra “casa”<sup>5</sup>. Para estes torcedores, o estádio deveria ter mais espaços livres de cadeiras, não precisava ser tão ostensivamente luxuoso, deveria diminuir o som antes das partidas para que os torcedores cantassem preparando o clima para o certame. Além disso, com um público mais elitizado, na ótica destes torcedores, os

---

<sup>4</sup>Os Gaviões da Fiel Torcida: cultura de arquibancada contra o futebol moderno globalizado (2018), defendida no IEL/Unicamp. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333447>

<sup>5</sup>A outra casa é o Pacaembu. Bochi (2017), pela perspectiva da antropologia, contextualiza o processo de mudança vivenciado pelos torcedores da Estopim da Fiel, outra torcida organizada corintiana, quando da inauguração da Arena Corinthians em 2014. O Pacaembu foi o estádio em que o Corinthians preferencialmente jogou suas partidas desde a década de 1940. O outro estádio corintiano é a Fazendinha (Pq. São Jorge ou Alfredo Schuring), estádio que fica na sede do clube que foi deixando de ser utilizado ao longo da segunda metade do século XX.

comportamentos dos “modinhas”<sup>6</sup> não condiziam com o esperado para um torcedor corinthiano: prestam atenção ao celular, ao invés do jogo; tiram fotos durante a partida; reclamam dos que preferem ficar em pé<sup>7</sup>; e principalmente, não incentivam o time durante os jogos.

Em um destes jogos, enquanto a torcida organizada acendia seus sinalizadores, antes da partida, como forma de protesto, nos demais setores do estádio, ocupados por torcedores comuns, isto é, não organizados, surgia uma vaia dirigida a atitude destes últimos. Estas ações poderiam penalizar o clube, com perdas de mando de jogo, o que possivelmente teria desencadeado a manifestação de parcela significativa da torcida presente. Muitos não organizados reprimiram as vaias, entoando o canto: “Corinthians é povão, não pode ter cuzão”.

Em outras circunstâncias, os torcedores organizados protestaram contra o que denominam futebol moderno entoando: “Ladrão, devolve o futebol pro povão”. Presenciei alguns conflitos de torcedores constrangidos por policiais porque não se sentavam, assim como, presenciei xingamentos entre torcedores por conta do uso do celular. Se o espaço do futebol dramatiza certas tensões da sociedade mais ampla, encenava-se uma disputa com recortes de classe, em que torcedores reivindicam uma posição de subalternidade, como o elemento central de sua identificação clubística. O fazem por meio de enunciados performativos e performances corporais, que aqui não serão analisadas.

Esta gama de acontecimentos mais ou menos visíveis parecia se contrapor a imagem que se têm da Arena, quando se adentra aos portões. Além de um local luxuoso, modernizado por tecnologias, com uma arquitetura singular, o torcedor é recebido por uma voz feminina: “Bem-vindos, à Casa do Povo”. Este enunciado produzia um estranhamento todas as vezes que presenciava os

---

<sup>6</sup>Linguagem hémica, em que os torcedores organizados designam os torcedores que consideram sazonais, que aparecem em termos de popularidade midiática da equipe de futebol.

<sup>7</sup>Nos estádios tradicionais, por assim dizer, era comum que à exceção dos que sentavam-se nas numeradas, os torcedores dos setores populares assistissem aos jogos do Corinthians em pé. Não tenho certeza de quando este comportamento se iniciou. César (1981) ao pesquisar os Gaviões da Fiel, em fins dos anos 70, descreve situações em que mesmo estes torcedores, passavam parte do jogo sentados. É fato que a partir da década de 90, passou a ser um ritual assistir ao jogo em pé nos setores populares.

conflitos a que aludi anteriormente. Isto porque, apesar de evocar o termo povo, como uma marca que denotaria a identidade corintiana, na prática, as manifestações populares das arquibancadas, me pareciam, no mínimo, constrangidas pela própria estrutura arquitetônica da arena. O estádio, como pesquisas do próprio clube demonstram, passaria a ser frequentado por setores mais abastados da sociedade, os consumidores ideais para quem pensa o jogo a partir da ótica do lucro.<sup>8</sup>

De certo modo, à distância, visto pelas lentes das câmeras, o estádio parece um corpo homogêneo em que as tensões estão voltadas para a vitória de uma das equipes. “Visto de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), as tensões emergem, neste caso, sobretudo entre a imagem que o clube tenta passar, a despeito de seu novo estádio, e a maneira como certos segmentos de sua torcida interpretam estes dizeres.

A ideia geral é desnaturalizar o sentido do termo povo e seus correlatos, como ele tem aparecido no discurso oficial. “Time do Povo”, “Casa do Povo”, “República Popular”, são apenas alguns enunciados oficiais utilizados pela propaganda corintiana. Por outro lado, os torcedores assimilam o termo povo, deslizando sua forma para a expressão “Povão”. Nesta ótica, o Corinthians é o time do “povão”. Mais do que especificar concretamente o que significa o termo nestes usos, pretende-se demonstrar a maneira como a materialidade discursiva se constrói, evidenciando o conflito.

### **O time do povo e o povo do time: mais que um jogo de linguagem**

Procuo conduzir a discussão à luz de duas perspectivas que compõem os estudos de linguagem contemporaneamente. Em linhas gerais, tento relacionar argumentos da pragmática e das teorias do discurso. Tomando como base os autores já citados pode-se extrair, em linhas gerais, algumas conclusões, que permitem pensar a linguagem efetivamente em uso:

---

<sup>8</sup>Fontes:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/09/09/corinthians-e-o-time-do-povo-nao-do-povao-diz-diretor-de-marketing.htm>. Acessado em: 20/08/2021.  
[http://www.espn.com.br/noticia/732422\\_na-arena-e-tambem-fora-dela-duas-pesquisas-mostram-que-corinthians-e-o-time-da-elite](http://www.espn.com.br/noticia/732422_na-arena-e-tambem-fora-dela-duas-pesquisas-mostram-que-corinthians-e-o-time-da-elite). Acessado em: 20/082021.

1. A linguagem é um sistema e um acontecimento, interconectados. Nas concepções tradicionais de análise da linguística, pressupõe-se uma análise que separa sistema e acontecimento, de maneira a desconsiderar as condições de produção sociais da língua.

2. Como sistema, a linguagem pressupõe operações gramaticais/estruturais, dadas pela língua, passíveis de serem subvertidas até certos limites. Além disso, estas operações mantêm certas regularidades formais, que permitem ancorar o discurso em um contexto.

3. A linguagem se faz ver como acontecimento, por meio de gêneros do discurso, que podem ser compreendidos como os enunciados efetivamente produzidos, entre interlocutores, em uma situação específica de comunicação. Todo dizer sempre evoca, direta ou indiretamente, outros dizeres. Estes *dizeres* podem ser textos específicos, ou ditos instáveis, fruto de uma memória coletiva.

4. A situação específica de comunicação, inscreve-se em condições sociais e históricas mais amplas. Todo dizer é afetado pelo inconsciente do sujeito, deslizando a maneira como ele é afetado pela(s) ideologia(s).

5. A linguagem é vista como uma arena em que os sentidos são disputados pelos atores sociais, que ocupam posições enunciativas, ao passo que agem conscientemente, deixam escapar certos efeitos das relações de poder.

6. Considera-se que a linguagem é central nas formas de vida contemporânea, já que não há possibilidade de entendimento humano para além dela. Desta forma, a linguagem não apenas reproduz a realidade social, mas a refrata. Isto é, a linguagem constrói a realidade, em outras palavras, os fatos, as relações, os processos identitários, as lutas políticas, acontecem pela linguagem.

7. A linguagem, embora permita em muitas ocasiões que o sentido apareça como óbvio e dado, opera efetivamente por meio de uma abertura à interpretação, em que os sentidos queira-se ou não, são constituídos por meio de uma interação entre sujeitos inscritos em uma ordem social, afetados, portanto, por relações de poder. Não significa dizer que não há sentido, significa



dizer que os sentidos são fruto de relações concretas em condições sociais concretas.

Também contribuem para a compreensão dos fenômenos aqui aludidos, as ideias de Damo (2014). O autor procura analisar a construção do sistema de representações que permite a adesão dos torcedores a um clube. Desta maneira, o antropólogo compreende que há um sistema relacional, entre torcedores, o time de jogadores e o clube como instituição, que sustenta o que denomina-se como clubismo. Os primeiros, na ótica do autor, delegam a representação aos jogadores e esperam destes um retorno simbólico que os represente de tal maneira que possam se reconhecer, na performance dos jogadores. Esta performance deve permitir que se reconheça os símbolos que identificam o clube, na percepção dos torcedores. Os torcedores *“esperam pela retribuição, conquanto esta seja tão somente simbólica, e desse jogo de reciprocidades emerge uma economia monetária, moral, política e emocional”* (idem, pp. 28).

Tais argumentos permitem pensar o jogo a partir da perspectiva dos torcedores, como agentes e, portanto, como elemento central no processo de constituição das identidades clubísticas. Elas se fazem sempre em relação: ao clube, ao time de jogadores, aos dirigentes, aos rivais, aos espaços mais amplos da sociedade.

No caso analisado, as relações de reciprocidade são miradas a partir de alguns enunciados materialmente produzidos tanto pelo clube como pelos torcedores, produzindo efeitos de sentidos. Além disso, estes enunciados devem ser vistos como formas de ação, em que se colocam em disputa as representações identitárias. Deste modo, parafraseando Hall (2008), as identidades se colocam em questão, quando o grupo sente que elas estão ameaçadas. Em outras palavras, as identidades não estão lá, em um lugar, no qual se possa pegá-las. Elas são formas construídas e imaginadas, por diferentes mecanismos, e se colocam em confronto em situações em que parecem se perder, mesmo que em certas circunstâncias, elas nunca tenham de fato sido encontradas.

Desta maneira, o slogan a “Casa do Povo” funciona como um ato discursivo, que se inscreve dentro de uma lógica de marcação identitária institucional. Para dizê-la, o Corinthians como instituição administrativa, constrói uma cena enunciativa em que uma voz feminina se dirige aos torcedores, recebendo-os por meio de um dizer fático: Bem vindos, seguido da expressão à Casa do Povo. Em termos discursivos, os questionamentos devem recair sobre a materialidade do texto, seus elementos formais constituintes, mas também seus sentidos possíveis, aparentes.

Neste sentido, o povo é representado pelo clube, que se representa como uma voz feminina em um contexto marcadamente masculino. Embora possa passar despercebido, num primeiro momento, esta escolha agrega aos sentidos da palavra povo, o feminino. Desta forma, o dado material da linguagem, permite produzir certas afirmações que revelam a maneira como o clube pretende ser visto, basta pensar na voz dos alto-falantes sendo construída a partir de uma performance vocal que fosse reconhecidamente homossexual nos ouvidos dos torcedores. Esta paráfrase inventada revela a maneira como o dado material da linguagem não é inocente.

Já os torcedores distorcem a linguagem oficial, adaptando-a ao seu contexto. De certo modo, questões de classe parecem se sobrepôr as de gênero, ao fazerem o uso do termo povão. Do ponto de vista da materialidade da linguagem, o uso do aumentativo, como é de conhecimento amplo, pode produzir efeitos diferentes no ouvinte, a depender das circunstâncias: chamar uma pessoa de baixa estatura de grandão, pode ser uma ironia ou um apupo, a depender do tom de voz, do contexto.

No contexto do futebol, pode-se utilizar o aumentativo para elogiar, como no caso do Timão, Coringão, Peixão, Fluzão, Mengão, Mineirão, como para se detratir como no caso de Chiqueirão (apelido entre não-palmeirenses usado para se referir ao estádio palmeirense), bundão ou amarelão (para se referir a uma atitude covarde). Levando estes aspectos em consideração, pode-se afirmar que os torcedores mobilizam o uso do aumentativo, como um elemento linguístico pelo qual se marca a diferença, que embora sutil, ancora a

discursividade em outras posições sociais, que aqui podemos chamar difusamente de populares.

Como não há produção do discurso fora de contexto, sem que estabeleça uma relação com outros ditos, outros dizeres, ainda que inconscientemente (ORLANDI, 2002), é preciso resgatar e minimamente organizar este contexto. Para isso, resumo os acontecimentos que considero centrais na construção do estádio corintiano, e resgato uma memória, com a qual os enunciados aqui analisados dialogam. Em partes, o argumento é de que a construção da Arena Corinthians é o estopim dos conflitos que se travam atualmente entre torcedores organizados e o clube.

### **A atualização das arenas de futebol: entre o povo e o povão**

Com a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014, no Brasil, acentuou-se um processo de ‘modernização’<sup>9</sup> do futebol local. Como afirma Toledo (2014), é de se supor que as mudanças ocorridas na organização do jogo afetem em algum nível à sensibilidade torcedora, alterando seus códigos, suas posturas, suas ações e principalmente, as interpretações sobre si. Em comum, alguns autores, como Campos (2014), Hollanda (2014), dentre outros, denunciam que a consequência mais sintomática desta ordem de mudanças é a crescente exclusão dos segmentos sociais mais baixos dos estádios de futebol. Entre 2007, ano de escolha do Brasil como sede do torneio, até 2014, as mudanças mais visíveis deste conflituoso e complexo processo expressou-se na construção dos novos estádios de futebol, para atender às demandas da FIFA, entidade máxima do futebol e organizadora do torneio.

Para a Copa do Mundo, os estádios deveriam seguir certos padrões arquitetônicos, ampliando a visibilidade do campo de jogo, seja para o público *in loco*, seja para os espectadores da transmissão televisiva, fonte primeira de

---

<sup>9</sup>Damo (2014) Campos (2014) e Toledo (2014) preferem o termo atualização, para fugir as ambiguidades e polêmicas que o termo ‘modernização’ traz. Como este texto se constrói a partir da perspectiva dos torcedores, utilizarei ambas as terminologias como sinônimos, considerando que os sentidos de tais termos remeterão a um processo em curso, contraditório, cujas interpretações estão se fazendo. Para os torcedores, o termo modernização é mais usual, ancorado na ideia de Futebol Moderno. Para a crítica, futebol moderno, pode ser traduzido como futebol pós-moderno ou mais comumente futebol-espetáculo.

renda destes eventos. Nestes projetos, evitam-se os pontos cegos, utiliza-se de uma iluminação de alta tecnologia, substitui-se os degraus de arquibancadas por assentos numerados e individualizados. Os estádios convertem-se assim em arenas tecnologizadas, permitindo à massa assistir ao jogo sentados em cadeiras individuais, com ampla visibilidade do evento, como se assiste a uma peça teatral ou a certos concertos musicais.

Como o torneio é transmitido mundialmente pela televisão, os estádios necessitam se adequar também as necessidades técnicas da transmissão, de tal maneira que sua iluminação e acústica favoreçam a qualidade técnica do produto televisivo. O futebol de espetáculo é assim um produto que vende a imagem pela televisão e, para isso, procura moldar a atmosfera do espetáculo presencial. Os torcedores que acorrem as arenas ou aqueles que assistem do sofá de casa adquirem o status de consumidor (TOLEDO, 2014). O torcedor é constrangido desta forma a ingressar nas regras do mercado de bens futebolísticos, que instaura uma nova ordem em seu universo: “Em nome do conforto e da segurança “implementa-se uma verdadeira higienização social do futebol” (CAMPOS, 2014, pp.358)

Excluídos (ou ao menos semilocados) estão os torcedores que antes ocupavam espaços populares nos antigos estádios de cimento. Grosso modo, nos estádios até então utilizados pelos clubes, grande parte do público corresponderia as camadas populares, que assistiam ao jogo em arquibancadas ou no espaço da geral, em que não há lugares marcados. A assistência costumava permanecer em pé, permitindo uma maior liberdade das performances corporais e visuais dos torcedores. De outro modo, nas novas arenas, preferencialmente se assiste ao jogo sentado, em lugares pré-definidos nas compras. Trata-se agora de um espaço de vigilância total dos corpos, por meio de um sofisticado aparato de câmeras, que permitem identificar atos e ações indesejados com precisão.

O caso corintiano se torna paradigmático por conta daquilo que o clube reivindica como sua história, eivada de faltas e contingências. Negreiros (1992) procura reconstruir, a partir da *história social*, a gênese do S.C. Corinthians

Paulista. Sua dissertação de mestrado defende a ideia de que a história do clube se enquadra naquilo que se pode delimitar como uma “tradição inventada” (NEGREIROS, 1992).

Para o autor, que delimita suas análises entre os anos de fundação e a consolidação do Corinthians na elite do futebol paulista (1910-1916), o que se sabe deste período seria fruto da “literatura apaixonada” (idem) desenvolvida pelo clube entre as décadas de 1930 e 1950, importando menos se a história se deu como lembrada, factualmente, mas sobretudo compreendendo a maneira como certos símbolos são mobilizados nas narrativas construídas pelo clube, oficialmente e reforçada pela maneira como foi e é veiculada midiaticamente.

Esta história inventada, conta-se que o Corinthians foi fundado a partir de uma associação entre membros das classes trabalhadoras da cidade de São Paulo, em um contexto em que o futebol se consolidava como um evento de interesse público, no início do século XX. Nos dois primeiros anos de existência do clube, em meio as dificuldades para praticar o jogo, o Corinthians se firmou como o principal clube do circuito informal do futebol, chamando a atenção dos clubes de elite, que disputavam o circuito paulista oficial de futebol. Era o período de futebol amador, em que as relações explicitamente profissionais entre clubes e jogadores, embora existissem, não eram assumidas oficialmente pelos clubes elitizados que compunham as duas associações de futebol que rivalizavam e disputavam os rumos e a consolidação do esporte naqueles tempos: a Liga Paulista de Futebol e a Associação Paulista de Esportes Amadores.

O autor procura demonstrar que não haveria uma cisão entre esporte de elite e o futebol praticado às margens do circuito oficial. De certo modo, as práticas não regulamentadas alimentavam o circuito amador da elite, ofertando, esporadicamente jogadores qualificados para a prática dos jogos, que naquele momento, atraíam a atenção da mídia. É neste contexto de conflito entre a aceitação e a negação, que o Corinthians se insere no circuito profissional, modificando-se como clube eminentemente popular, mas também modificando

a própria história subsequente do jogo. Em grande medida, o Corinthians era visto como um *outsider*, o que lhe fazia ter que provar suas condições de disputar campeonatos contra clubes mais estruturados.

O sucesso desportivo do clube se dá com dois títulos, 1914 e 1916, firmando-se definitivamente como um clube do circuito formal do futebol. Em grande medida, deixar a várzea, como é chamado o futebol praticado nos bairros de trabalhadores, e ingressar neste outro esporte, produziu uma narrativa do clube sobre si de um time capaz de superar as dificuldades e preconceitos de classe, para altivamente se definir como um clube de algum respeito entre a elite. Internamente, entre os associados do clube, este processo se dá de maneira conflituosa, justamente porque a dedicação apaixonada e desinteressada se conflituava com as necessidades administrativas e econômicas que a mudança de *nível* trazia consigo. Em grande medida, o Corinthians se consolidará, na primeira metade do século XX, como um clube reconhecidamente de origens populares, disposto a provar seus valores futebolísticos, capaz de mobilizar um grande contingente de adeptos, tornando sua torcida um símbolo amalgamado à sua identidade.

O interesse pelo Corinthians como fenômeno social e histórico se intensifica a partir da década de 70, por conta de uma série de episódios que envolvem a relação entre questões específicas do jogo e a maneira como elas expressariam certos “dramas” da sociedade. O Corinthians vencera seu último grande título em 1954, consolidando-se como o maior campeão estadual. Veria a partir destes anos a ascensão de duas grandes equipes paulistanas, o São Paulo e o Palmeiras, e uma equipe litorânea, o Santos. Entre 1954 e 1976, o clube seria coadjuvante em termos de título, embora mobilizasse grandes massas torcedoras em dias de jogos. Uma massa que seria reconhecida pela sua fidelidade ao clube, em um momento de “vacas magras”, para se utilizar de uma expressão popular, apropriada pelos torcedores de futebol.

Este conflito entre um clube em decadência de títulos, capaz de atrair, ainda assim, um interesse aparentemente crescente de seus torcedores e simpatizantes, quando era de se esperar o contrário, despertará o interesse da

mídia. Ao mesmo tempo, o circuito do futebol se tornava cada vez mais interestadual, ampliando as rivalidades para outros estados. É neste período que os torcedores de futebol começam a se mobilizar para acompanhar os jogos em lugares relativamente distantes, algo não tão comum na primeira metade do século. Em 1976, a torcida corintiana, insuflada pela mídia esportiva, divide as arquibancadas com a torcida local fluminense, no episódio conhecido como “Invasão Corintiana”.

Em 1977, o clube venceria um título após o longo período de jejum, mobilizando por praticamente dois anos, a mídia esportiva que vendia, promovia e analisava o “fenômeno Corinthians”. Estes eventos não tardam a ser observados pela academia, interessada nas potencialidades latentes em tais manifestações, capazes de mobilizar massivamente as camadas populares, num período de ditadura, em que as mobilizações populares haviam saído de cena. Nos anos seguintes seriam publicados alguns trabalhos acadêmicos, que acompanhavam tais acontecimentos (MICELI, 1978; CÉSAR, 1981) destacando as particularidades do sistema de representação simbólica do corintianismo, ou seja, da forma pela qual os torcedores produzem sua adesão dentro de um sistema que alguns autores definem como clubismo.

Outros acontecimentos dentro das quatro linhas e nas arquibancadas reforçariam o caráter “popular” e abnegado do clube em sua relação com os torcedores. Em 1979, em meio à repressão a qualquer manifestação pública de contestação ao regime, a principal torcida organizada corintiana, os Gaviões da Fiel, levantariam a faixa com os seguintes dizeres: “Anistia ampla, geral e irrestrita”, em jogo contra o Santos F.C. O ato seria reprimido pela polícia, mas entraria no repertório narrativo dos torcedores, do clube, em menor escala, e na gama de eventos que circundam o lento processo de redemocratização brasileira.<sup>10</sup>

Em 1982-83, em meio ao sucesso desportivo do time, surgiria o movimento “Democracia Corintiana”, capitaneado pelos jogadores do clube, que

---

<sup>10</sup>Alguns destes episódios são organizados por Holanda & Negreiros (2015) em coletânea de artigos sobre Os Gaviões da Fiel Torcida. Gaviões da Fiel Torcida: Ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. 7 Letras, Rio de Janeiro, 2015.

reivindicavam e efetivamente impunham, uma participação nas decisões técnico-administrativas do clube. De fato, tais agentes operaram no sentido de conectar suas demandas como atletas profissionais aos movimentos mais amplos que reivindicavam eleições livres para presidente. Sócrates, Wladimir, Casagrande, principalmente, se tornariam símbolos deste período, extrapolando o contexto imediato dos interessados no jogo.<sup>11</sup>

Após um período de relativo sucesso, entre a década de 90 e os anos 2000, o clube mais popular de São Paulo viveria o drama, em termos futebolísticos, de ser rebaixado de divisão no futebol brasileiro. Este evento inaugurou uma nova era no clube, a partir de 2007, em que ele, nos anos seguintes, não apenas retornaria à elite do futebol brasileiro, mas se consagraria definitivamente no circuito sul-americano de futebol, com a conquista da Libertadores da América e no circuito internacional, com o título do Mundial de Clubes da Fifa, ambos em 2012. Em meio a este ressurgimento, fora anunciado em 2010, ano do centenário do clube, a construção de um novo estádio, o sonhado estádio que faltaria, para definitivamente o Corinthians dirimir suas faltas e superar suas condições de origem, convertendo-se num clube de sucesso, que a despeito de sua origem e suas dificuldades, por mérito, se tornara reconhecido e valorizado dentro de seu espaço de atuação.

Entre sucessos e fracassos desportivos, que acabam constituindo o repertório simbólico do clube, em termos administrativos, o clube parece seguir o caminho típico do mundo dos negócios. A partir de uma análise do marketing administrativo, Santos & Rocco Junior (2017) propõem o argumento de que a vantagem competitiva do Corinthians, dentro da lógica do mercado futebolístico, se dá justamente, porque ao passo que se atualiza em termos administrativos adequando-se aos ditames do mercado, o clube mobiliza sua memória por meio do lema “time do povo”.

Este lema (ou slogan) mobilizado em inúmeras campanhas, utilizando-se de personalidades mais ou menos identificadas com segmentos das camadas consideradas populares, permite ao clube dialogar com grandes parcelas da

---

<sup>11</sup>Além de amplamente divulgado, tais episódios ampliam a popularidade corintiana, associando a imagem do clube a interesses para além do futebol.



sociedade, aproximando-se de um público-alvo, que se vê nas imagens mobilizadas pelo marketing do clube, ao passo que se reconhece no repertório simbólico mobilizado. Em grande medida, é a tradição inventada que serve como ancoragem discursiva para a construção de uma base de adeptos-consumidores dos bens concretos e imaginados que o clube oferece.

A partir da antropologia social, Toledo (2013), visitando as obras da Arena e acompanhando a maneira como os torcedores corintianos já se apropriavam daquele espaço, antes de sua inauguração, questiona a maneira como o “estádio” como símbolo será assimilado pelos torcedores dentro do sistema de representação identitário do corintianismo:

Concretizada a promessa de um estádio o *corintianismo* pôs-se em movimento na direção de uma redefinição de seu estilo, a produzir *fl ashes* modernizantes numa forma de torcer que sempre se impôs pela fatura popular, tradicionalmente contendora, mas estigmatizada por seus adversários. (2013, p.153).

Para o autor, a síntese do corintianismo é a máxima torcedora: “Corintiano, maloqueiro e sofredor, graças a deus”. Em grande medida, enquanto o clube se favorece economicamente e desportivamente de uma difusa menção à sua origem, o torcedor especificamente se enuncia a partir de uma zona de marginalidade: não se trata de um povo em abstrato, genérico, aparentemente, mas sobretudo do maloqueiro, ou seja, o periférico, favelado, subalterno, trata-se de um recorte, pode-se dizer assim, de classe que enseja a palavra povo.

### **Os dissensos sobre a noção de clube do povo: “De povo lá só tem aquela palavra”**

Faz parte também, do repertório simbólico identitário corintiano, os conflitos entre direção e base, expressos nas tensões entre a condução administrativa do clube e seus torcedores, ao longo de sua história. Foi em meio a etnografia que tentava, inexperientemente, empreender que coletei os fragmentos de dados a seguir. Eles surgiam fortuitamente, em conversas informais, se amplificavam em situações formais, com a gama de atores sociais

pertencentes aos Gaviões da Fiel com quem interagia. Estes fragmentos de conversa apresentavam respostas parciais as inquirições de Toledo (2013), supracitado. Para parte dos torcedores corintianos, aqueles associados aos Gaviões da Fiel, mas que ressoam também nas demais torcidas organizadas corintianas<sup>12</sup>, o novo estádio passava a ser um símbolo em disputa. Ele se convertia em uma metáfora-metonímia do que chamavam de luta contra o “futebol moderno”.

Para os torcedores, o estádio “deveria ser tudo cimentão”, sem “cadeiras”, como no espaço destinado aos torcedores organizados. Na época da construção, o clube decidiu junto aos coletivos organizados, que os espaços destinados a eles, não teriam cadeiras, para que pudessem realizar suas performances corpóreas sem limitações de movimento. De certo modo, o espaço deste setor, mantém certas características dos estádios antigos, com degraus de cimento. No entanto, ainda que preservassem algo das formas tradicionais de torcer, o formato da arena diminuía a adesão dos demais torcedores, às performances dos organizados durante os jogos.

Para eles, apenas “quem tem ouvido de estádio” consegue perceber e compreender a diferença que havia entre o agora e o passado de jogos no Pacaembu. Mesmo que reconhecessem que o perfil da torcida já havia se modificado, mesmo no antigo estádio. Ao mesmo tempo, reivindicavam que não apenas eles eram afetados pela modernização da arena, mas que principalmente, o povão “de chinelo no dedo”, de “camiseta regata”, “os coringão louco” estavam sendo excluídos socialmente da nova Arena. A conclusão que chegavam era de que de “povo” o estádio só tinha o nome, “A casa do povo”.

Em período posterior à pesquisa, estes dados, coletados ao longo de dois anos, tornaram mais significativo para mim, à medida que refletia sobre a maneira como os Gaviões da Fiel se compreendiam, dentro da dinâmica de

---

<sup>12</sup>O Corinthians tem oficialmente cinco torcidas organizadas de futebol, além dos Gaviões da Fiel: Camisa 12 (1971), surgida de uma dissidência dos Gaviões da Fiel (Canale, 2012); a Estopim da Fiel (1978) torcida que a partir dos anos 2000, retomou seu trabalho; Pavilhão Nove (1992); Coringão Chopp (?) e Fiel Macabra, sediada em Bauru-SP.

relações estabelecidas por eles: a relação com o Corinthians por um lado, como ente organizativo, e a relação com os demais torcedores corinthianos, o que denominam por “povão”, ou seja, os corinthianos que embora não pertençam a entidade, são reconhecidos por eles como torcedores legítimos do Corinthians, frequentes em estádios, oriundos das camadas subalternas da sociedade, sobretudo, homens, trabalhadores, periféricos: os maloqueiros e sofredores, que acompanham o time, “na vitória ou na derrota”.

Nascida em 1969, os Gaviões da Fiel se pensam como “defensores do Corinthians e do corintianismo”. Para eles, como atestam os trabalhos acadêmicos publicados ao longo de sua trajetória e parcialmente organizados na coletânea de Holanda & Negreiros (2015), assim como atestam as reuniões de novos sócios, das quais participei de uma delas, os Gaviões devem defender o clube inclusive de si mesmo, combatendo as gestões de dirigentes que, em sua ótica, se desviem das origens operárias e populares do corintianismo. Ao mesmo tempo, eles se colocam como defensores do patrimônio imaterial do clube, não apenas em termos políticos, mas, sobretudo, em termos simbólicos.

De certo modo, estes elementos se fazem presentes quando enunciam coletivamente: “*Ladrão, devolve o futebol pro povão*” pode ser visto como um enunciado agentivo, isto é, um enunciado que não apenas representa e presentifica uma história, uma memória, mas que se pode compreender como uma forma de ação política, que opera mecanismos discursivos e performativos. Em termos discursivos, o trabalho de interpretação dos torcedores, acaba por desnaturalizar o termo povo, do marketing oficial do clube, apresentando um dissenso sobre o seu sentido. Pode-se entender que para os torcedores através da aparência reivindicada oficialmente de “time do povo”, um processo de exclusão das camadas subalternas se passa despercebido.

Os dirigentes estariam roubando (talvez economicamente o futebol), mas também se apropriando do corintianismo de maneira interessada e, portanto, os roubando em termos, primordialmente, simbólicos. Por isso, a expressão subverte os efeitos do termo “povo”, reinscrevendo-o em ato de linguagem de

contornos políticos e identitários. Para as teorias performativas é aí, neste confronto, que as identificações sociais se constroem

### **Outros argumentos**

Se o termo povão recorta os sentidos, inscrevendo-os em uma perspectiva de classes, que aqui podemos tomar por subalternidade (SPIVAK, 2010), é de se supor aquilo que escapa à agentividade. Desta maneira, pode-se supor que por esta noção de subalternidade que se faz em termos de classe social, e portanto subalterna em relação às estruturas econômicas do futebol, subjaz uma perspectiva de dominação masculina. Este parece ser o argumento de Medeiros & Zoppi-Fontana (2020) em artigo, fruto de uma dissertação de mestrado que analisa a emergência das torcidas queers em páginas de redes sociais. Para os autores, o discurso oficial do clube revela uma ótica cis-heteronormativa, embora se apresente como o clube do povo. Para defender os argumentos, o artigo analisa uma nota do clube corintiano acerca de um comportamento de seus torcedores: quando o goleiro adversário cobrará o tiro de meta, durante a sua corrida antes do chute, os torcedores em uníssono gritavam em direção a ele “Bicha!”. O clube posicionou-se oficialmente solicitando que os torcedores evitassem tal comportamento.

Empreendendo a análise da referida nota, as autoras, a partir da Análise de Discurso Francesa, problematizam os sentidos aparentes da nota. Em linhas gerais, por um lado, o clube se pretende apresentar como defensor do “povo”, da “democracia”, “da igualdade”, ancorado em sua memória institucional, por outro, não assume explicitamente uma postura anti-homofóbica. De fato, a conclusão das autoras destaca as relações de dominação/subalternidade que se inscrevem no contexto do futebol, emblematicamente, num time que se auto enuncia como “time do povo”.

Como Spivak (2010) aponta em seu conhecido ensaio “Pode o subalterno falar?”, a noção de subalternidade não deve ser vista como uma essência, de quem é ou não subalterno, mas como uma relação estrutural e contingencial ao mesmo tempo. Pode-se ser subalterno em uma relação, mas o mesmo sujeito

(ou grupo) pode ser o dominador numa outra relação que se estabeleça na dinâmica social. De certo modo, o que ocorre no contexto acima aludido é um exemplo de como a subalternidade pode ser compreendida em termos relacionais. Essa dinâmica se dá tanto entre o Corinthians e outros clubes ou instituições do futebol, em que o clube paulista se coloca preferencialmente como um subalterno, mas que reproduz por outro lado, em relação aos seus torcedores, uma relação de dominante, submetendo os maloqueiros e sofredores a uma condição subalterna.

Sua torcida, que embora em seu núcleo atuante, os torcedores organizados, coloquem-se como subalternos em relação às camadas dirigentes representadas pelo clube, submete, à subalternidade, os grupos de torcedores que não correspondem ao perfil cis-heteronormativo. Por outro lado, dentro de seus espaços de relação social nos Gaviões da Fiel Torcida, há tensões se fazendo no sentido de furar esta estrutura masculina de poder. Em inúmeras conversas, na época de pesquisa, os torcedores diziam que as “minas”, as mulheres torcedoras, ganhavam espaço na torcida, questionando certos rituais machistas que as impediam de ser vistas de fato como igual. Processo recente, fruto de um contexto mais amplo, em que se inscrevem as questões de gênero na sociedade.

Por outro lado, se reconheciam a necessidade de se avançar nas pautas do feminino, diziam claramente, em seus espaços oficiais, como a reunião de novos associados, que a homossexualidade não era aceita entre os associados. Embora, seja digno de nota, que ao menos oficialmente, os Gaviões da Fiel não tomem parte no grito de “Bicha!” emitido por sua torcida, mesmo que tenha nascido ali, o primeiro destes gritos, endereçados à época ao goleiro Rogério Ceni<sup>13</sup>. Os torcedores, em meio a polêmica, algo que é deixado à margem do artigo das autoras, posicionaram-se em nota pública contrários ao grito e empreendendo certa autocrítica.

---

<sup>13</sup>No sistema simbólico de rivalidades entre os clubes, o São Paulo é tido como o clube das elites, por extensão de sentido, em termos populares, “time de fresco”. Com isso, atribui-se uma série de provocações aos torcedores e jogadores do clube: “bichas”, “meninas”, “elas”, “pó de arroz”, “bambis” etc.

De certo modo, todos estes processos ensejam performances identitárias, que para os teóricos culturais, é um processo de tensões em torno de sentidos, quando certos grupos entendem que sua cultura está ameaçada (HALL, 2011). Estas tensões que se abrem em momentos de crise produzem enunciados, criam e recriam tradições, modificam, se bem-sucedidas, os sistemas de representação simbólica de suas identificações. Por outro lado, como a linguagem é um terreno “movente” (FABRÍCIO, 2006), este processo não se dá sem que sentidos indesejados deslizem do discurso para os enunciados. Ao mesmo tempo, nestas contradições e tensões é que residem o material que nos permite observar o real da linguagem em seu funcionamento (ORLANDI, 2002).

### **Considerações finais**

Ao longo da construção da Arena Itaquera, uma das polêmicas centrais se deu em relação ao nome que o estádio receberia (TOLEDO, 2013; BOSCHI, 2017). Oficialmente, para o clube tratava-se da Arena Corinthians, escolha que marcava a modernidade que o termo arena enseja e o nome do clube detentor dele. Diferente de outros períodos históricos, em que nomes de personalidades, ligadas ao futebol, batizavam os estádios, de modo a destacar valores de um certo personalismo da época de suas respectivas construções, as arenas modernas não têm nome, mas direitos de nomear, que são vendidos como produtos, conhecido por seu termo em língua inglesa *naming rights*. Deste modo, uma empresa escolhe o nome do estádio, por um período, pagando um valor estipulado por este direito.

Arena Corinthians, deste modo, corresponderia a um nome que permitiria futuramente a venda deste direito de nomear, concretizada em setembro de 2020<sup>14</sup>. A atualmente denominada Neoquímica Arena, teve uma série de nomes e apelidos antes disso. Oficialmente, como já dito, Arena Corinthians; para a Fifa, Arena São Paulo, fato que gerou certo constrangimento, porque embora São Paulo tivesse como referente a cidade-sede da Copa, este é também o nome popular de um dos rivais alvinegros, o São Paulo F.C; pelos torcedores a

---

<sup>14</sup><https://www.uol.com.br/esporte/faq/neo-quimica-arena-saiba-tudo-sobre-o-novo-nome-do-estadio-do-corinthians.htm>. Acesso em: 20/08/2021

nomenclatura oscilava entre Fielzão, denominação criada por Vicente Matheus, quando de seus planos de construção de um estádio naquele mesmo terreno, em meados da década de 80, entre simplesmente Arena e o nome mais popular Itaquerão.

Esta última denominação é a que pegou, fruto da intervenção midiática e popularizada pelo sistema de rivalidades, em que os outros torcedores jocosamente tentavam denegrir o estádio, fazendo referência ao bairro em que está sendo construído, considerado periférico e marginal. Com isso, presentificavam a memória do preconceito sofrido pelo clube em termos de suas origens de classe. Por outro lado, é de se esperar que para o clube, construir o estádio num bairro popular de uma das regiões periféricas da cidade, a Zona Leste, ou ZL para os “sujeitos periféricos” (D’ANDREA, 2013), era algo a ser exaltado, inclusive em termos de marketing. No entanto, as contradições do mercado, promovem um discurso em que desliza um certo incômodo com a localidade do empreendimento.

É o que se observa em uma entrevista, nas palavras de Andrés Sanchez, ainda em 2013<sup>15</sup>

**[Pergunta] Qual é o problema de, às vezes, se referir ao bairro?**

**[ANDRES SANCHEZ]** Porque o que nós vamos vender o nome. Não é o bairro, o bairro é Itaquera.

(...)

**[ANDRES SANCHEZ]** Se chamar Arena Itaquera você não vê eu reclamar, estádio Itaquera você não vê eu reclamar, agora, o apelido, não.

(...)

**[Pergunta] Você, então, a tua reclamação é sobre, primeiro: o problema que causa não chamar de Arena Corinthians no sentido de prejudicar o faturamento que o clube vai ter. Mas há também um sentimento de incômodo em relação a usar o nome do bairro no aumentativo, Itaquerão, é isso?**

**[ANDRES SANCHEZ]** É isso, porque puseram placa lá, “Estádio Itaquera”, lógico que eu reclamei, mas eu entendo que existe uma lei, de hipócritas, mas existe uma lei. Então, indiretamente tem que respeitar a lei, mas é um absurdo. Agora, a parte da imprensa que fala

---

<sup>15</sup><https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/06/06/leia-a-transcricao-da-entrevista-de-andres-sanchez-ao-uol-e-a-folha.htm?cmpid=copiaecola>

Itaquerao, eu não estou preocupado com o que o povo fala, o povo fala o que quiser porque estamos em uma democracia, mas os órgãos de imprensa que são profissionais e cobram profissionalismo, eles tinham que respeitar aquilo que o clube pediu, porque realmente nós temos que vender o nome do estádio e fica mais difícil.

Como apontado anteriormente, por materialidade da linguagem, consideram-se fatores intra e extralinguísticos: relação significante/significado; fonologia, morfossintaxe; condições de produção; gêneros pelos quais operam o dizer etc. Neste sentido, ainda que inconscientemente, o presidente corintiano disputa não apenas o sentido de uma palavra, mas sobretudo qual o significante que deve ser usado para se referir à nova arena. De alguma maneira, ilusoriamente, o dirigente corintiano tenta estabilizar um significante que possa neutralizar sentidos indesejados sobre o produto que será comercializado.

Pensando desta forma, embora diga que não incomode, o dirigente parece querer evitar a associação automática do bairro ao estádio. Ainda que não possamos afirmar categoricamente quais sejam os motivos para tal, podemos partir do pressuposto de que eles não podem ser enunciados: ou porque afrontam o sistema de valores do clube na perspectiva do mercado ou porque afronta o sistema simbólico que permite ao clube reivindicar certa posição em face aos seus torcedores.

De qualquer maneira, o dirigente reconhece a possibilidade de que o povo escolha outro significante, como Itaquerao. Este processo, aliás, é comum na nomeação dos estádios construídos no século XX, em geral, eles recebem o nome do bairro (Maracanã, Morumbi, Pacaembu, Vila Belmiro) em que residem ou então, recebem um aumentativo no nome (Castelão, Mineirão). Eventualmente, dentro do sistema de rivalidades, o nome do estádio do rival é subvertido para produzir noções pejorativas sobre o adversário: chamar o estádio do outro de Chiqueirão (estádio do Palmeiras ou da Ponte Preta); Galinheiro (referência ao estádio do Guarani); Morumbicha (referência ao estádio do São Paulo) são formas mais ou menos estabilizadas de ofensas entre os torcedores.



No discurso de Andrés Sanchez, estes fenômenos vazam, porque de alguma maneira, o termo Itaquerão condensa inúmeras possibilidades de processos interpretativos enviesados, abrindo-se à polissemia.

Ainda que especulativo, tais apontamentos podem ser mobilizados a partir de outras perspectivas. Estes acontecimentos inscrevem-se dentro de uma teia de acontecimentos que envolvem interesses marcadamente econômicos, políticos, identitários e culturais. Além disso, os torcedores corintianos revelam maneiras pelas quais estes acontecimentos podem ser confrontados, resistindo-se ao menos, às forças globais, que neste momento, transformam o futebol em uma mercadoria total. Os apontamentos aqui costurados, em última instância, permitem produzir um espaço de escuta para os torcedores organizados de futebol.

Ouvir ou analisar como estes sentidos se constroem, demonstram a capacidade inventiva dos torcedores, de trabalhar com a linguagem e de compreender sentidos que estão para além do óbvio, nos discursos hegemônicos do futebol contemporâneo. Isto lhes tira a aura de violentos, em verdade, escutar suas formas de reivindicar certas demandas, escutar suas contradições, em suma suas performances, é perceber a vivacidade da cultura popular e de sua capacidade de resistência.

### **Referências Bibliográficas**

- ALFONSIN, D.; CAMPOS, F. **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014
- BOCCHI, G. M. M. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians**. Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Antropologia, FFLCH, USP, São Paulo, 2016.
- BUTLER, J. *Lenguaje, poder y identidad*. Madri: Sintesis, 1997.
- CAMPOS, F. Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o confroto. In ALFONSIN, D.; CAMPOS, F. (orgs.) **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 349-364.

- CANALE, V. S. Torcidas **Organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normas do torcer**. Dissertação. Campinas, 2012. 120p.
- CESAR, B. T. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo: ou, o duelo**. 1981. 200 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279355>>. Acesso em: 16 jul. 2018
- DAMO, A.S. O espetáculo das identidades e alteridades. In ALFONSIN, D.; CAMPOS, F. (orgs.) **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 23-56.
- FABRÍCIO, B. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso In: **Por uma Linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre a desconstrução do popular In: **Da diáspora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. Os Gaviões da Fiel: **Ensaio e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- HOLLANDA, B. B. **O clube como vontade e representação**. PUC-RJ, Doutorado, 2007.
- HOLLANDA, B. B. O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In ALFONSIN, D.; CAMPOS, F. (orgs.) **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 321-348.
- LOPES, A. C. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca**. Tese de doutorado defendido no Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp. Campinas, 2010.
- MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n.49, 2002. Disponível em:

[http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de\\_perto\\_e\\_dentro.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de_perto_e_dentro.pdf) Último acesso em: 01/02/2018

MAINGUENAU, D. **Análise de textos em comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004

MICELI, S. Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians. In HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: **Por uma Linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. **Linguística aplicada e vida contemporânea**: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa in *Por uma Linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NEGREIROS, P. L. **A gênese do S. C. Corinthians Paulistas (1910-1916)**. Dissertação de Mestrado no Departamento de História, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1992.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

PABLO, T. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Sociologia, da FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PECHÊUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008.

MALAIÁ SANTOS, J.M.C. & ROCCO JUNIOR, A. “O time do povo”: Vantagem competitiva na construção e na manutenção da identidade de uma organização esportiva In **Estudios Históricos** –Año IX – Julio - Diciembre 2017 - Nº 18 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay.

MEDEIROS, M. S. & ZOPPI-FONTANA, M.G. O “time do povo” e o discurso da inclusão: cis-heteronormatividade, futebol e ideologia. **Entremeios**: Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, v. 21, jan. - jun./2020.

- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, UFMG, 2010.
- TOLEDO, L. H. Quase lá: a copa do mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horiz. antropol.** [online]. 2013, vol.19, n.40, pp.149-184. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832013000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200006). Último acesso em: 10/07/2018.
- TOLEDO, L. H. Torcedores e mercados de bens futebolísticos In ALFONSIN, D.; CAMPOS, F. (orgs.) **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 307-320.
- WISNIK, J. M. Veneno Remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.